

## Ser o Que Não Sou

J. Roberto Whitaker Penteado

*É seu dever ser. Não ser isso ou aquilo. - Ramana Maharshi*

Faz pouco tempo, andou circulando – de novo – na internet um poema atribuído a Jorge Luiz Borges, cujo conteúdo era mais ou menos o seguinte: Se eu pudesse viver minha vida de novo, cometeria mais erros, seria menos sério, correria mais riscos, escalaria mais montanhas e nadaria em mais rios, comeria mais sorvete e menos feijões; tentaria ter mais momentos significativos, não carregaria tanta bagagem nem guarda-chuva; dançaria mais, andaria mais descalço, andaria de carrossel, colheria margaridas...

Mais ou menos uma década antes, o poema havia circulado pelos meios então convencionais – carta, telex, fax – e chegou a ser usado por várias empresas, inclusive uma de nossas grandes agências de propaganda, como cartão de natal. Lembro-me que, quando recebi, pela primeira vez, a peça, imediatamente pensei “Isso não pode ser de Borges; é muito ruim”.

Coube ao saudoso Caio Domingues, na época, desmascarar o embuste. Caio era um cara meticuloso, e encontrou o texto original, escrito por uma senhora americana de 85 anos, chamada Nadine Stair, moradora em Louisville, Kentucky. Havia sido incluído num livro de bolso chamado Guia da Meditação, publicado originalmente em 1978. Foi uma razoável proeza do Caio, numa época em que não havia Google – nem internet.

O sucesso de um texto como este tem a ver, talvez, com uma certa frustração atávica do ser humano em relação à própria existência – talvez seja o verdadeiro pecado original. Por que atrai tanto as pessoas a possibilidade de serem o que não são?

Voltemos ao texto que não é de Borges. Será que cometer erros, ser pouco sério, correr riscos, escalar montanhas, nadar nos rios, etc. são atividades desejáveis? Ou até mesmo agradáveis? Escalar montanhas e nadar em rios, na maioria dos casos, podem ser coisas perigosas e pouco prazerosas. Gosto de tomar sorvete, mas adoro feijão – principalmente o caldo, acompanhado por uma cachaça. Andar descalço machuca os pés e dançar pode ser divertido, mas é também um ato grotesco – como vimos no caso da deputada Angela Guadagnin – andar de carrossel me dá tonturas e arrancar as pobres margaridas de seus arbustos é decididamente incorreto, ecologicamente.

Será que ser bancário é assim tão ruim? Tenho amigos, na Suíça, que adoram a profissão. Lembram da história daquele publicitário que se registrava nos hotéis como “comerciante” – muito antes de existir o Marcos Valério. Conheço poetas tristes, artistas infelizes, donos de pousada miseráveis – e deve haver, em algum lugar, carcereiros, faxineiros ou camelôs felizes e realizados. Uma amiga minha – psicóloga – revelou-me, recentemente, que alguns dos seus clientes não querem interromper as sessões porque quanto mais se analisam, mais gostam do que veem...

Não sei se essas considerações se aplicam a você, amigo leitor, mas convido-o a fazer um exercício: seja qual for a sua atividade, profissão ou situação, tente imaginar todas as coisas boas que já fez e quantas ainda restam por fazer. É isso aí.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Ser o Que Não Sou. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=195&ID=322>>. Acesso em: 17 ago. 2009.